

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ABEL CARDOSO. O PRIMEIRO E O ÚLTIMO ENCONTRO.

FIGUEIREDO, Fidelino de

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

FIGUEIREDO, Fidelino de, Abel Cardoso. O primeiro e o último encontro. *Revista de Guimarães*, 74 (1-2) Jan.-Jun. 1964, p. 163-165.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Abel-Cardozo

(O primeiro e o último encontro)

A nossa amizade, com cerca de meio século de vigência inalterável, nasceu à sombra do castelo de Guimarães, pelo Natal de 1917. Já visitara cinco anos antes as venerandas ruínas. Fora ao norte em missão de serviço do meu emprego na instrução pública e entendi fazer essa visita de estreia, como grato complemento da minha formação histórica. Fizera-a com recolhida emoção e quis renová-la numa boa oportunidade.

Circulava por entre as vetustas pedras evocadoras, quando me surgiu no limiar duma porta, mal vedada por uma cortina, um gigante, de espessa barba de azeviche, envolto num manto alvadio, cuja estatura parecia proporcionada à torre de menagem do castelo. Afigurou-se-me um génio das ruínas, que teimasse em acoitar ali a sua longa sobrevivência.

Pensava, sorrindo, em lhe pedir notícias de Afonso Henriques. Mas o gigante sorriu também humanamente, hospitaleiramente, quando o Prof. Alfredo de Magalhães, meu companheiro, nos apresentou. E eu vi que o manto alvadio não era manto, mas só uma bata farfalhuda com pingos de tinta, envergada descuidadamente por um pintor que tinha ali o seu *atelier*. E fizemos amizade, num pacto subentendido entre dois homens que haviam prontamente descoberto as suas «afinidades electivas», segundo a expressão de Goethe. Essa amizade foi logo selada por ele com a oferta duma tela, que olho neste momento, no meio das que se acumulam no breve espaço de parede, consentido pela livralhada. E durou até ao seu passamento, em Maio do corrente ano. Estava com visitas de cortesia que me forçaram a interromper a revisão das provas dum livrito onde

falo dele, quando o telefonema de um filho mo participou. Por deferência para com o estrangeiro oculte a dor do meu coração de amigo, o mesmo fazendo minha mulher, que também muito o prezava.

Assim que pude, juntei ao texto em provas uma nota de saudade.

A última vez que nos vimos foi na noite de Natal de 1963. Saídos os amigos e parentes, fiquei só no meu gabinete, com as minhas recordações. Subitamente ouvi um pequeno alvoroço festivo na portaria. Era ele que chegava, trazido por dois filhos, de Santarém, expressamente para me abraçar. E vi transpor a entrada do gabinete o mesmo gigante do castelo de Guimarães, agora com barbas de neve e não já aprumado e ligeiro, mas a caminhar com dificuldade, apoiado pelos filhos e por muletas. E caímos nos braços um do outro, enternecidos e calando as razões desse enternecimento: o nosso estado de ruína e o pressentimento de que nos víamos pela última vez. As ruínas do Castelo de Guimarães, com todos os seus séculos, eram mais vigorosas, quando nos abraçáramos pela primeira vez, no Natal de 1917. Se eu fosse poeta, desafogaria a minha agradecida saudade num epicedio de feliz título — *Entre dois Natais*. Mas eu, em toda a vida, apenas soube, se soube, expressar em prosa, com relativa fidelidade, ideias que os portugueses não acolhiam pelas não necessitarem. E assim foi com esse expediente canhestro que selei a lembrança que ia ficar-me do nosso último encontro: pedi à minha mulher que lhe lesse o capítulo inicial da tal prosa, em que partia da atribuição de um sentido simbólico a dois desenhos, um seu e outro duma nòrinha querida. E ele impressionou-se e escreveu-me depois que esperava o livro.

Por que estimei eu tanto este pintor, que era a personificação da simplicidade mais modesta? Por aliar aos seus méritos de artista um alto valor humano. Foi sempre, com poucas palavras e actos pachorrentos, um homem nobilíssimo sem o saber. Artista, amou o seu Minho nos seus aspectos poéticos e pacíficos e foi-os arquivando nas suas telas sem retórica, sem preocupação vaidosa, nem sequer estranhando as injustiças. Amou sem expansões os seus alunos, os seus amigos, a sua arte, e a todos esses amores serviu com naturalidade



Abel-Cardozo

Artista-Pintor vimaranense

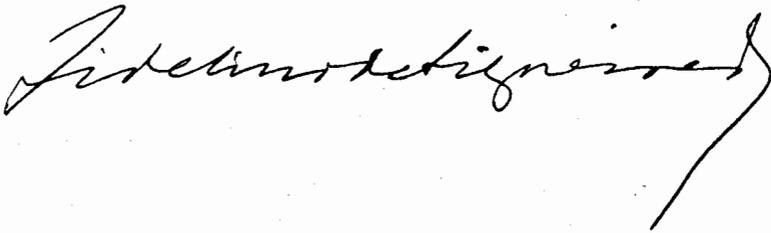
1877 † 1964

simples. O que mais exactamente reflectia a lealdade calma do seu coração era a política familiar, as suas relações com os filhos. Sentia pudor em lhes mostrar quanto lhes queria e receava feri-los no seu cavalheirismo com branduras e fraquezas sentimentais. Mais se abriu comigo a respeito deles.

Nunca mentiu, nem por exagero, nem por omissão, nunca aceitou nada de ninguém, nem se queixou ou lamentou. Só consegui dele, no nosso último encontro que aceitasse a leitura das tais páginas, só isso, nem um cálice de vinho para uma saúde.

Artista, professor e homem, foi um carácter monolítico a circular pelos caminhos deste mundo, com seu gigantismo e seu chapeirão braguês. A altura ocultou-lhe as baizezas da vida e a aba do chapeirão defendeu-he os olhos de fáceis deslumbramentos.

Lisboa, 8-VI-64.

A handwritten signature in black ink, written in a cursive style. The signature appears to read 'Abel Cardozo' and is followed by a long, sweeping flourish that extends to the right and then curves downwards.